

Migrações internacionais e família: experiências de migrantes cricumenses em configuração transnacional

International migration and family: experiences of migrants from Criciuma in transnational settings

Emerson César de Campos¹
Michele Gonçalves Cardoso²

Resumo: O artigo pretende dar visibilidade aos processos migratórios contemporâneos, cujo ponto de partida é a cidade de Criciúma – Santa Catarina. Nos últimos anos o município tem se destacado pelo elevado número de migrantes que partem da cidade rumo aos Estados Unidos ou para a Europa, em especial a Itália. Esses processos migratórios promoveram novos arranjos familiares em que as mulheres – sejam elas aquelas que migram ou as que assumem a família na cidade de origem – desempenham um importante papel na manutenção do projeto migratório e das novas configurações familiares.

Palavras-chave: Migração Contemporânea, Família, Cidade.

Abstract: The article aims to give visibility to contemporary migration processes, whose starting point is the city of Criciuma - Santa Catarina. In recent years it has been highlighted by the high number of migrants who leave the city for the United States or Europe, particularly Italy. These migration processes promoted new family arrangements in which women - whether those who migrate or those who become the “family chief” in their city of origin - play an important role in maintaining the migratory project as well as new family configurations.

Keywords: Contemporary Migration, Family, City.

Família é um termo controverso em sua compreensão e complexo na sua existência. Seria possível descrever as várias estruturas assumidas pelas famílias através dos tempos, pois este é um conceito delimitado por questões sociais, econômicas, culturais, ambientais, políticas ou, ainda,

¹ Doutor em história, Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, E-mail: ecdcampos@yahoo.com.br

² Mestre em história, Universidade do Extremo Sul Catarinense/ UNESC, E-mail: michelehist@gmail.com

religiosas. É importante que se conheçam destas variáveis para compreender como o conceito sofreu alterações através dos tempos e por que ainda hoje gera tantas polêmicas em sua definição.

Família é um grupo cujas definições estão em concordância com a realidade na qual o grupo está inserido. Muitas vezes, a participação de seus membros em decisões comuns ficou mascarada por um conceito de família patriarcal, em que o chefe, neste caso o homem, tomava sozinho as decisões para o coletivo. Hoje, muitos estudos apontam a ocorrência de diferentes tensões e negociações— numa visão, portanto, de sentido histórico - no seio familiar, evidenciando a participação de mulheres, crianças e jovens num processo aparentemente patriarcal, mas, de fato, coletivo.

Esta visão de família mais tradicional é a que prevalece nos trabalhos voltados aos fenômenos migratórios. Vale ressaltar que muitos estudos em torno das migrações internacionais destacavam o papel das mulheres apenas como companheiras de seus cônjuges ou de seus pais, sendo por isso consideradas agentes passivas destas migrações, subjugadas numa hierarquia interna ao grupo, familiar e outro, a outras pessoas. Este fato acabou por invisibilizar a presença feminina nos estudos voltados às migrações.

Estudos mais recentes, contudo, buscaram dar visibilidade a esta figura, enfatizando as trajetórias de diferentes mulheres que participavam ativamente dos processos migratórios. Elas partiam em diferentes condições. Podiam estar acompanhadas de familiares ou sozinhas; podiam ser solteiras, casadas, viúvas ou divorciadas ou, ainda, responsáveis pela manutenção dos laços nos locais de origem. Independente das ações que desempenhassem ou das formas como se conduzissem as migrações, a figura feminina começou a vir à tona nos últimos anos, engrossando as estatísticas migratórias e despertando a atenção para a complexidade do fenômeno e para a necessidade de entendê-lo como produto resultante da participação de diversas categorias ou por elas atravessado. Dentre estas categorias, destacam-se as de gênero, geração, etnia e classe, fatores de extrema importância para a análise destes fenômenos.

No entanto, como nos chama a atenção Gláucia de Oliveira Assis, esta diversidade presente nos fenômenos migratórios ficou por muito tempo dissimulada por trás do termo migrante³, termo masculino e genérico que homogeneizava os fluxos migratórios.

³ ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. 2004. 340 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004, p 22.

Ao incorporar estas diferentes categorias, evidenciamos que:

Desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorre articulado numa rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração. Partindo dessa perspectiva, as teorias de imigração são questionadas a lançar um outro olhar sobre os povos em movimento⁴.

Ao se incorporar categorias como gênero aos estudos relacionados à migração, torna-se possível enfatizar as relações entre homens e mulheres, além de destacar as negociações e redefinições dos papéis atribuídos aos envolvidos no processo migratório:

[...] Ao se incorporar a categoria “gênero” na análise dos fluxos migratórios, a migração deixou de ser vista apenas como uma escolha racional de indivíduos sozinhos e emerge envolvida em redes de relações sociais, como uma estratégia de grupos familiares, de amigos ou pessoas da mesma comunidade. Nesse contexto, as mulheres e os homens, em diferentes momentos, aparecem como os elos que ligam – aqui e lá – redes sociais que ajudam nos primeiros momentos na sociedade de emigração e na manutenção dos laços com o lugar de origem⁵.

Como dito anteriormente, a participação das mulheres no contexto migratório não se limita somente às que migram. As mulheres tecem redes de apoio também no local de origem. É importante destacar, neste sentido, que elas negociam sua nova condição e assumem atividades antes realizadas por outros membros da família. Tanto assim que se podem apontar, como exemplo, os casos das mulheres que assumem suas casas após a migração de seus companheiros. Ao executar papéis antes atribuídos ao universo masculino, elas redefinem suas atribuições e suas representações de gênero. Dentre os diversos estudos realizados nesta perspectiva, indicamos o

⁴ Idem, p 50.

⁵ SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **As mulheres na formação das redes de migração**. In: 8º *Fazendo Gênero*. Florianópolis: EdUFSC, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st65.html>. Acesso em: 20 set. 2010, p 12.

trabalho Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina, de Fonseca, Escalda, Siqueira, Assis e Thió⁶. Nele, as autoras têm como objetivo descrever as “representações de gênero quanto às atividades masculinas e femininas, quando as mulheres exercem papéis de cônjuge coprovedor, e provedor na ausência do companheiro”⁷. O estudo, realizado na região de Córregos Unidos/MG, evidenciou que a espera vivenciada pelas mulheres cujos maridos estavam nos Estados Unidos se converteu em renegociações de identidade de gênero.

Estas mulheres, moradoras do meio rural, tinham, antes da migração de seus cônjuges, como expectativa em relação aos papéis de gênero a maternagem, segundo as autoras citadas⁸, o cuidado da casa, do roçado e dos pequenos animais, do que lhes provinha a renda necessária à manutenção da propriedade familiar. Contudo, na ausência de seus companheiros, elas tiveram que redefinir suas atribuições e, principalmente, passaram de coprovedoras da família para provedoras. Esta diferenciação de status fez também com que saíssem da sombra do mundo privado para o público. Elas passaram a administrar as rendas das propriedades rurais, assim como a negociar o que nelas se produzia. Assumiram igualmente a administração do dinheiro enviado pelos maridos. Este fato fez com que elas também expandissem seus negócios, comprando novas terras, ou, ainda, coordenassem projetos de reformas ou construções de novas casas.

Estas novas atribuições possibilitaram-lhes maior autonomia. Segundo relatos das entrevistadas, elas estariam aprendendo pouco a pouco a tomar decisões acerca de suas vidas e também de seus filhos; neste sentido, a ausência do companheiro e o status financeiro contribuíram para a aquisição desta autonomia⁹. Vale ressaltar que estas transformações, desencadeadas pelo processo migratório na vida destas mulheres, também produziram grande impacto na vida familiar no retorno de seus cônjuges. O retorno produz mudanças na configuração familiar, desde a reconstrução de novas relações de gênero (em alguns casos), à crise e até ao fim do relacionamento (em outros):

⁶ FONSECA, Maria do Carmo da *et. al.* Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina. In: **XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**. Caxambu. 2010. p 1-16. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_8/abep2010_2175.pdf. Acesso em: 10 out. 2010.

⁷ Idem, p 1.

⁸ Idem, p 3.

⁹ Idem, p 12.

O regresso dos emigrantes implica novos desafios; agora a aventura é re-estruturar relações que aconteciam necessariamente à distância. Nalguns casos isso não é possível, resultando no fim dos sonhos que geraram a movimentação; noutras originam desajustes graves de ordem psicológica entre os membros de uma família agora unida fisicamente. O movimento implica a família como sonho e modelo futuro na ida e como reordenação de relações na volta. Algumas vezes tudo funciona bem; outras vezes vivem-se grandes dramas¹⁰.

As transformações desencadeadas na estrutura familiar pelos processos migratórios despertam nossa atenção para a necessidade de estudos voltados ao local de origem dos fluxos. Muitas pesquisas foram centradas no empoderamento desenvolvido pelas mulheres inseridas nos fluxos internacionais. Não são, contudo, somente as mulheres que migram que passam por importantes processos de autonomia e de alterações nas relações de gênero. As que ficam nos locais de origem também são afetadas de maneira ímpar pela espera e pelas muitas modificações em suas atribuições. Ao assumir atividades antes ligadas ao universo masculino, estas mulheres redefinem seus papéis de gênero e transformam a estrutura familiar.

Dessa forma, nesse artigo temos como objetivo perceber alguns arranjos familiares realizados por grupos que migraram para os Estados Unidos e para a Itália. Ambos os casos possuem particularidades, mas também, pontos em comum. As migrações para os Estados Unidos são marcadas em grande parte pela falta de documentos, fator que impossibilita alguns encontros familiares e exige determinados arranjos. Já a migração para a Itália ocorre normalmente através da dupla cidadania o que proporciona outras opções aos núcleos familiares. Partindo da cidade de Criciúma, sul catarinense, estes migrantes criam projetos migratórios que na grande maioria das vezes são revistos e modificados. Para melhor

¹⁰ MACHADO, Igor de Reno. **O ponto de vista das famílias:** etnografia sobre os emigrantes internacionais valadarenses (Brasil). In: *Revista Migrações* – Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina. Lisboa: ACIDI, 2009. p 155-168. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art8.pdf. Acesso em: 25 jul. 2010, p 159.

compreendermos as motivações e o contexto em que esses criciumenses estão inseridos é importante destacar alguns elementos da história da cidade.

Famílias migratórias: as mulheres que ficam no Brasil

Isadora Matias de Oliveira, de 44 anos, teve seu arranjo familiar alterado no ano de 2001, quando seu companheiro, Mateus de Oliveira, igrou para os Estados Unidos. Naquela época, o casal tinha dois filhos: Mirian, de 12 anos, e Jonathan, de 6 (seis). Mateus tinha uma marcenaria em Criciúma, mas procurava por uma vida melhor. Como um irmão de Isadora já estava nos Estados Unidos, decidiu migrar . O cunhado foi seu primeiro contato. Através dele, Mateus conseguiu seu primeiro emprego no ramo da construção civil. A princípio, o casal planejava que a migração durasse dois anos; no entanto, Mateus ficou nove, retornando neste período uma única vez:

O planejamento era de uns dois anos, né! Quando ele foi, ele sempre falava: eu vou ficar só uns dois anos. Aí foi ficando; ficou 5, aí ele voltou, né, ficou mais uns, nem um ano aqui, 8...11 meses e voltou de novo; agora já faz uns quatro anos que ele tá lá de novo¹¹.

Nestes nove anos de migração, Isadora e os filhos passaram por um grande processo de rearranjo familiar. Na primeira vez que migrou, a família sentiu muito sua ausência, principalmente o filho mais novo, que chorava muito à noite, com saudades do pai. De sua parte, Isadora passou a administrar as remessas enviadas pelo marido e a cuidar da educação dos filhos. Além disso, também tinha que driblar a saudade do esposo e explicar para os filhos a ausência do pai.

Ela também destaca que teve de assumir tarefas que antes da migração competiam a Mateus:

Nossa! Foi bem difícil, porque quando o Mateus tava aqui era tudo ele: ele que resolvia, ele que fazia o pagamento de energia de todas as coisas era ele. Aí eu fiquei sozinha e tive que me virar; estranhei um monte. Agora a gente já acostumou né, mas no começo foi bem difícil. Assim, fiquei sozinha assim com os dois; foi bem difícil¹².

¹¹ Entrevista Isadora Matias de Oliveira, concedida em 22 de novembro de 2010 a Michele Gonçalves Cardoso.

¹² Idem.

Nesta fala, Isadora deixa clara sua angústia com relação à administração das tarefas da casa. O pagamento das contas e a responsabilidade de ficar com duas crianças longe do companheiro pesaram nos primeiros momentos da migração do esposo. Contudo, com o passar dos tempos, ela foi aprendendo suas novas atribuições e transformando seu cotidiano e o de seus filhos. Assim, após cinco anos, Mateus decidiu retornar ao Brasil, pois já havia extrapolado o plano original de migração, que era de dois anos, além de já ter atingido a maioria de suas metas. No entanto, no retorno, sentiu sérias dificuldades em se adaptar. Segundo Isadora:

Quando ele veio aqui a primeira vez, nossa! Ele não gostava do lugar; não gostava das coisas. Olha, ele não saía nem na rua. Assim estranhava tudo, né! Parecia que tinha se arrependido porque tinha vindo. Claro, com saudade dos filhos e coisa assim, mas era outra vida lá; aí chegou, depois foi acostumando. Só que aí ele viu que tava muito ruim; tentou montar alguma coisa; aí não conseguiu e foi fazendo um levantamento das coisas: disse que tava muito caro e disse: aí eu vou voltar e voltou de novo¹³.

Mateus, após ficar cinco anos longe da cidade não reconhecia mais o lugar que havia deixado. Passou a estranhar o que antes era tão comum, fato que o levou a deixar de sair de sua própria casa. Isadora entendia que os ritmos eram outros, até porque a família também estranhava aquele membro em seu retorno. Segundo, ela levou em torno de dois a três meses para que ela e os filhos se acostumassem novamente com a presença do pai, pois os ritmos eram muito diferentes¹⁴.

Mesmo sentindo que o companheiro tinha saudades da família, e por isso havia retornado, Isadora percebia em suas atitudes certo arrependimento por ter voltado ao país. Estes estranhamentos se agravaram ainda mais quando tentou voltar ao mercado de trabalho. Mateus realizou algumas pesquisas com vistas a montar um negócio. A princípio, pensou em

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

montar um restaurante, ou uma revendedora de motos; contudo, não obteve sucesso em suas negociações. Assim, decidiu migrar novamente.

Nesta segunda vez, a família já estava mais preparada e os filhos também eram maiores, fato que facilitou mais sua estruturação. Contudo, alguns desafios continuavam. Isadora deu continuidade a seus afazeres, prosseguindo com os planos migratórios. Desde que o companheiro havia migrado, ela tinha adquirido muitas coisas para a família. Ela havia comprado um carro, realizado a reforma da casa, além de comprar outros imóveis, sendo um desses uma casa na praia.

Ela afirma que o companheiro é bastante rígido, tanto na administração das remessas enviadas, quanto na educação dos filhos:

Ele tá lá é a mesma coisa de ele tá aqui porque ele administra tudo, né. Isadora faz isso, Isadora faz aquilo. Assim [...] ele é bem chato pra essas coisas... pela Mirian o cuidado que tem que ter com essa Mirian que aí me estressa! Tem um ciúme dessa Mirian, não deixa sair e coisa assim não tem... tem vez que a Mirian tá longe e: ah, a Mirian tá tomando banho! Senão ele é chato¹⁵.

Desse modo, fica claro que Isadora passou a administrar sua família com a ausência do companheiro, embora ele encontre maneiras de estar presente. É ela quem sai e realiza os negócios, porém, ele sempre está informado de seus passos. A cobrança com relação aos filhos também acontece, principalmente com a filha mais velha. Ele busca saber quando ela sai e aonde vai, com que amigos e por quê. Contudo, estas informações também podem ser burladas, como no exemplo citado acima. Ao questionar onde a filha estava, Isadora disse que estava no banho; no entanto, a filha havia saído para ir a uma festa. Mesmo buscando estar presente no cotidiano da família, algumas coisas fogem do controle do pai, pois a distância não lhe permite um controle efetivo.

Ao ser questionada sobre os pontos positivos e negativos da migração de seu companheiro, Isadora enfatiza que a saudade de quem está longe é muito difícil de suportar; contudo, foi através da migração que conseguiram adquirir uma série de coisas que ela pontua como importantes para a família:

¹⁵ *Ibidem*.

A gente fica assim sozinho, sente saudade [...] a gente conseguiu comprar... comprei apartamento, comprei casa na praia, comprei carro, coisa assim, não tem? Pago a faculdade da Mirian o colégio do Jonathan. Ele sempre deu conta de pagar as coisas, tudo¹⁶.

Neste sentido, a fala de Isadora mostra o que há de comum com as histórias de tantas outras famílias que vivenciam a ausência de um membro. A migração gera saudade, distancia fisicamente os familiares, afeta os laços afetivos; contudo, estes sentimentos são “recompensados” pela aquisição de bens materiais. É muito comum os familiares admitirem que a migração “valeu a pena”, pois proporciona, na grande maioria das vezes, a aquisição de bens que não teriam conseguido se o familiar não tivesse migrado.

Ao analisar a trajetória desta família, podemos evidenciar que os papéis de alguns membros foram modificados; outros, mantidos. Isadora não trabalhava fora antes da migração do companheiro; depois de sua migração, continuou como dona de casa – caso em que o marido continuou a exercer o papel de provedor -, mas ela conseguiu mais independência para realizar suas escolhas. A casa, o carro, o apartamento foram escolhas dela; ela fizera levantamentos, orçamentos e compras, atividades que, se o companheiro não tivesse migrado, não teria feito, pois, como atribuições do responsável, ele certamente as teria assumido.

A educação dos filhos, mesmo acompanhada pelo pai a distância, também passou a ser uma das principais tarefas de Isadora. Era ela quem deveria se fazer presente na escola, nas tarefas diárias, além de resolver os conflitos cotidianos.

A trajetória desta família e os rearranjos por que passaram todos os seus membros vêm ao encontro da realidade de muitas mulheres que, após a migração de seus companheiros, assumem a administração de suas casas e a educação dos filhos. Também podemos destacar, nesta família, o processo de readaptação no retorno do esposo. Pela fala de Isadora, ficou evidenciado que o retorno promove novos arranjos familiares, um novo processo de adaptação, rompido quando ele voltou a migrar.

Assim, pode-se evidenciar que o retorno promove muitas mudanças nas configurações familiares. Para algumas pessoas, retornar para junto de suas famílias não deveria ser algo difícil ou problemático. Contudo, é nesse momento que os migrantes e seus familiares podem perceber claramente

¹⁶ Ibidem.

que o tempo passou e que os vínculos mudaram. As relações afetivas foram se transformando e novos papéis foram consolidados, não sendo raros os casos em que estas mudanças se tornam conflituosas. Para citar um exemplo envolvendo os rearranjos familiares no retorno à família, podemos destacar o caso de Márcia Machado da Silva.

Márcia, de 30 anos, decidiu migrar para os Estados Unidos em 2004:

Eu fui porque eu, no caso, eu era casada e eu tinha um filho, né? Tenho, então, eu me separei e como eu era jovem eu pensei: vou pros Estados Unidos, porque como eu vivia aqui e trabalhava eu e ele, e a gente se separou umas duas vezes e voltava, eu disse: não! Eu quero ir pra lá e tentar viver uma vida diferente. E como eu tinha família lá, eu tinha dois primos e uma prima, e daí eu falei com eles aí eu disse eu vou pra lá, vou tentar, vou ficar uns dois anos lá e depois eu volto e aí eu fui e resolvi, daí fiquei lá cinco anos¹⁷.

Após ter terminado seu relacionamento, Márcia, que já possuía parentes nos Estados Unidos, decidiu migrar. A criciumense buscava uma vida nova, pois seu relacionamento após muitas idas e voltas, já estava desgastado. Dessa forma, partiu rumo à construção de uma nova vida no exterior, indo viver em Boston. Após um ano de sua migração, seu ex-marido também decidiu migrar e encontrá-la no país de destino. Os dois reataram o relacionamento, vivendo juntos por mais dez meses. No entanto, novamente o casal se separou e Márcia decidiu, outra vez, se distanciar, partindo então para outro estado: foi morar em Atlanta, na Geórgia. Enquanto ela buscava se adaptar ao país, seu filho Pedro havia ficado sob os cuidados da avó materna. Ela partiu quando o filho ia fazer sete anos. O menino então passou a ter os pais no contexto migratório.

A princípio, Márcia pretendia ficar dois anos nos Estados Unidos; contudo, seu retorno foi prorrogado, tendo permanecido lá por cinco anos. Nesse período, trabalhou como *house cleaner*¹⁸ e iniciou um novo

¹⁷ Entrevista de Márcia Machado da Silva, concedida em 18 de junho de 2010, a Michele Gonçalves Cardoso.

¹⁸ Muitas mulheres que migram para os Estados Unidos trabalham como *house cleaner*, que seria uma modalidade de trabalho doméstico, em que o trabalho é semelhante, no Brasil, ao de uma diarista. Quem trabalha com faxina doméstica possui um vínculo com um determinado número de casas; assim, elas organizam suas agendas semanais, passando nas casas nos horários agendados, realizando mais de uma faxina por dia Segundo Assis (2004)

relacionamento. Contudo, seus planos de retorno tiveram uma reviravolta. Ela pensava em retornar, pois sua mãe estava doente e seu pai estava com câncer; também desejava ficar mais próxima do filho para levá-lo aos Estados Unidos. No entanto, sua prisão foi o elemento impulsionador do retorno. Márcia e uma colega de profissão estavam dirigindo, indo em direção a uma das casas em que faziam limpeza, quando foram abordadas, e, por não portarem documentos, foram presas. A prisão foi uma experiência muito traumática para a criciumense:

É assim como se tu fosse uma bandida, uma criminosa. Porque eu tava junto com americanas, né, que tinham matado, que tinham roubado, vendiam droga, que iam pegá 10 anos de cadeia, 15 anos, 5 anos e eu só por que tava dirigindo. Então o que eles sempre me avisavam tinham umas hispanas; só eu e outra de brasileira; tinham umas 80 americana e umas 10 hispanas. Então o que o pessoal dizia pra gente era pra gente assim: se elas inticam com a gente ou mexer alguma coisa, as americanas, pra gente ficá na da gente porque a gente não era criminoso, não tinha matado roubado, nada, e tinha gente que ia ficá 10 anos, e qualquer coisa eles faziam bronca¹⁹.

Márcia ficou presa durante 16 dias, tendo participado de duas cortes, acompanhada do advogado que seu namorado havia contratado. Após a segunda audiência, ela foi solta numa estação de metrô, sem entender ao certo o que estava acontecendo. Após esta experiência, teve dificuldades em voltar ao trabalho. A criciumense perdeu a maioria de suas clientes, pois seu telefone, no qual armazenava seus contatos, fora apreendido na abordagem policial. Ela também havia ficado muito assustada com a situação e por isso decidiu que seria o momento de rever a família que havia ficado em Criciúma.

No momento da realização da entrevista, já havia se passado quase um ano de seu retorno. Nesse período, seu namorado, que, segundo ela, é latino-americano (não disse qual fosse sua nacionalidade), já havia visitado a família dela no Brasil e estabelecido um vínculo com Pedro, pois Márcia

essa é uma atividade onde as mulheres predominam e exercem um cargo de chefia orientando as atividades e consolidando seus projetos migratórios.

¹⁹ Ibidem.

pretendia se casar com o namorado e levar o filho para os Estados Unidos. Através do casamento, ela poderia também se legalizar.

A experiência migratória possibilitou a ela comprar o apartamento em que seus pais e o filho moram, além de adquirir um lote, um carro e uma quantia em dinheiro suficiente para montar um negócio. Contudo, apesar de destacar os bens adquiridos, ressalta que a ausência havia alterado os laços afetivos com o filho.

Foi assim, uma experiência assim, eu tô vendo agora que é difícil porque, assim... ele ia fazer sete anos né, tinha seis anos e pouco era uma criança; agora ele tem 12; é um adolescente; eu fiquei 5 anos fora, então eu filha única, ele único neto, então eu educo diferente da minha mãe, agradeço a ela porque foi... se não fosse ela eu não iria, não tinha coragem de deixar ele e não teria coragem de levar ele, né Porque, primeiro, a gente tem que ir pra ver onde a gente vai morar, conseguir um trabalho; então dou graças a Deus, mais assim é difícil, é complicado; uma, porque a fase dos 12 anos é fase difícil e outra, que assim eu fiquei cinco anos fora, então meu ritmo de vida já é diferente; lá, sabe, eu já tinha um outro ritmo de vida lá; então aqui é totalmente diferente, então eu mudei, assim tive que mudá o meu ritmo de vida com aqui com o país aqui com a minha família²⁰.

Nesta fala, Márcia deixa claro que a distância transformou os laços com o filho. Quando ela saiu do Brasil, o filho vivia com ela e seu marido e era criado pelos dois; contudo, após sua migração e a de seu ex-marido, Pedro passou a ser criado pelos avós, fato que modificou o arranjo familiar, alterando também os laços afetivos.

Márcia relata que educava o filho de outra maneira, diferente do modo como a mãe educava agora o neto, mas ao mesmo tempo reconhece as diferenças na educação de Pedro, assim como evidencia que sua migração só foi possível graças a seus pais, que aceitaram a tarefa de cuidar do neto. Por isso ela é grata a eles e procura não fazer muitas críticas.

Mas assim também em relação ao meu filho e minha família, meu pai e minha mãe, é difícil, no começo, da gente se entender e tudo. Com meu filho também tá

²⁰ Ibidem.

sendo difícil, por causa da escola né, por causa do meu ritmo de vida que é diferente. Então como eu fiquei cinco anos e eu tive filho com 18 anos, muito nova, às vezes eu sinto que ele me trata como se eu fosse a irmã dele, não mãe, me chama de mãe claro eu criei até os seis anos, o pai dele também criou até os seis anos, mas assim eu sinto as vezes que era como se eu fosse, às vezes ele me trata como se eu fosse irmã sabe. A gente não se entende; às vezes pra conversá ou no ajudar ele na escola ou isso ou aquilo a gente não se entende e também é uma fase de 12 anos pra 13 anos, uma fase assim meio complicada. Então acho, assim ,por um lado foi bom e por outro não; por um lado foi bom, porque eu consegui minhas coisas tudo, mas por outro lado eu acho que eu perdi um pouco da criancice do meu filho, da infância do meu filho e um pouco mais de tempo com meu pai, porque a gente não sabe o dia de amanhã então assim tudo é...se tu pensa por um lado, é bom se tu pensar; por outro não, porque a gente não sabe o dia de amanhã²¹.

Ao pontuar as vantagens e desvantagens de sua migração, Márcia aponta as conquistas materiais como positivas, mas lamenta, em sua avaliação, o tempo passado longe da família. Assim, avalia que perdeu parte da infância do filho e que, a partir da doença do pai, também passou a pensar no tempo em que ficou longe. Podemos, desta fala, destacar as dificuldades de sua relação com o filho. Márcia aponta que Pedro, apesar de chamá-la de mãe, se relaciona com ela como se fosse sua irmã mais velha. Para o menino, a pessoa à qual ele devia explicações e a quem respondia por suas ações era a avó. Márcia destaca que o filho reage dessa forma, por ela ser jovem, mas principalmente pela distância física que os separou durante cinco anos. Enfatiza bastante o quanto a distância modificou os ritmos de vida. Para ela, as diferenças entre o seu ritmo e o de seus familiares é uma questão que atrapalha a reestruturação da família e a aproximação de seus membros.

Também destaca a relação de seu filho com seu namorado, assim como a relação de Pedro com seu pai e a namorada dele. O ex-marido permaneceu nos Estados Unidos e iniciou um novo relacionamento. Pedro

²¹ Ibidem.

mantém contato com o pai via internet e telefone, assim como fazia com a mãe quando esta estava nos Estados Unidos. Márcia relata que o filho tem um bom relacionamento tanto com seu namorado quanto com a namorada do pai; contudo, é ela quem sente ciúmes do filho. Ela aponta que sente ciúme da relação do filho com a namorada do marido; ela ressalta que o ciúme não está relacionado ao ex-marido, mas a um sentimento de mãe protetora²². Ainda evidencia que frequentemente conversa com Pedro sobre a importância que ele tem na vida dela, sempre enfocando que ele vem em primeiro lugar: “eu disse pra ele, mas eu não troco ele por nada nem por ninguém no mundo”²³.

Ao focar a necessidade de expor ao filho o quanto ele é importante, e também ao relatar o ciúme que sente da relação entre a namorada do ex-marido e Pedro, podemos inferir que a migração de Márcia gerou certa insegurança na sua relação com o filho. Ao apontar a necessidade de explicar ao filho o quanto ele significa para ela, a mãe busca fazer com que ele entenda suas atitudes, principalmente a migração, que também tinham relação com ele, justamente pelos benefícios que ela pretendia proporcionar a ele. Ela tenta, assim, de certa forma, justificar sua ausência, destacando os pontos positivos da migração e a importância de os dois permanecerem unidos, evidenciando que o projeto é de ambos. Podemos inferir também que o ciúme que ela sente da namorada do ex-marido pode estar relacionado ao fato de ela temer que Pedro escolha viver com seu pai e a companheira dele nos Estados Unidos, e não com a mãe. A partir da migração de seus pais e da consolidação de seus novos relacionamentos, Pedro teria a liberdade de escolher ficar com os avós no Brasil ou migrar para junto de seu pai ou de sua mãe.

Tantas alternativas geraram, sem dúvida, certa insegurança em Pedro. Fato comum entre os/as filhos/as dos migrantes que ficaram na cidade. O futuro é incerto, pois, muitas vezes, os planos de retorno têm sido alterados, constituindo fatores de ansiedade, por parte de todos os envolvidos, com relação ao futuro.

Mães migrantes: os filhos da fronteira

Os exemplos acima citados nos dão uma dimensão das modificações realizadas nas famílias a partir do momento que um membro decide migrar. Ao longo do processo migratório, novos ajustes são feitos, já

²² Entrevista de Márcia.

²³ *Ibidem*.

que o próprio projeto geralmente sofre alterações. Estas mudanças transformam os papéis atribuídos a cada membro e possibilitam novas configurações familiares, consolidam novos laços e impõem novas formas de relacionamento.

Aqueles que ficam no local de origem devem renegociar suas atribuições, ao mesmo tempo em que quem migra deve manter os laços com a família. Neste sentido, o envio de remessas é sem dúvida um dos fatores que unem o grupo e demonstram que o projeto é coletivo, vindo a comprovar o comprometimento do que se afastou do núcleo familiar.

O envio regular de remessas permite que aos poucos os sonhos, que muitas vezes estiveram na origem da migração, comecem a se concretizar. As remessas, no caso, representariam a união simbólica destas pessoas em torno do mesmo objetivo, tornando-se um dos elos que os mantêm unidos:

É importante ressaltar que embora as remessas apareçam como substitutos da presença do ente ausente e operem como continuadores da relação, isso não significa que as pessoas sintam que o fluxo de dinheiro é equivalente à presença de quem emigrou. A nível de sentimentos, a sensação é que o dinheiro não substitui a presença, mas indica pelo menos que num futuro incerto as pessoas da família reunir-se-ão novamente. Ou seja, há uma análise formal de como as relações se estruturam, e afirmamos que o fluxo de dinheiro é fundamental na estruturação dessas quando um ou mais familiares estão ausentes. Mas essa análise não implica afirmar que as remessas e a presença desse familiar são qualitativamente semelhantes. Do ponto de vista dos sujeitos, os bens e o dinheiro são um pálido substituto de quem emigrou. Porém, se são incomparáveis, são também, desse ponto de vista, índices indispensáveis da continuidade da relação²⁴.

²⁴ MACHADO, Igor de Reno. **O ponto de vista das famílias**: etnografia sobre os emigrantes internacionais valadarenses (Brasil). In: *Revista Migrações* – Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina. Lisboa: ACIDI, 2009. p 155-168. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art8.pdf. Acesso em: 25 jul. 2010, p 159.

Desta forma, as remessas são compreendidas como símbolos da união entre as famílias. A periodicidade de seu recebimento demonstra a ligação da família em torno de um mesmo projeto. Estas famílias, no entanto, não devem ser entendidas apenas como núcleo de expectativas financeiras, mas como ponto de referência que rege diversos rearranjos como requisito de manutenção dos vínculos familiares. Ressaltando a importância destas famílias no contexto migratório, podemos inferir que elas influem nos processos migratórios, na mesma medida em que também são drasticamente influenciadas por eles:

Os familiares atuam diretamente no movimento migratório, seja a família que fica no Brasil, a família que acompanha aquele que migra até os Estados Unidos, ou a família que se forma em outro país. E desta forma elas influenciam a permanência ou não dos emigrantes nos Estados Unidos²⁵.

As famílias, assim, passam por transformações drásticas em suas estruturas, afetando a todos, os que ficam, os que acompanham ou os que entraram a fazer parte do núcleo familiar por via e causa do contexto migratório. As famílias que se formam no país de destino passam por outras transformações, pois ficar ou retornar é uma decisão ainda mais difícil do que a de quem segue sozinho para outro país e tem como objetivo retornar para a família que deixou no Brasil. As famílias constituídas no contexto migratório questionam seus projetos, sua validade ou o tempo de sua duração. Aqueles que tiveram seus filhos em outros países sofrem a angústia de pensar na adaptação dessas crianças ao país “de origem”, sendo eles “brasileiros”, mesmo que nunca tenham vindo ao Brasil. Os que se tornaram pais no exterior se expõem a dúvidas em relação à educação dos filhos e às oportunidades que estes teriam no país de destino, a ser bem pesadas, uma vez que em suas cabeças os condicionais “teriam”, “seriam”, minam certezas e planos, gerando angústias. Para que possamos compreender um pouco do que elas representam, acompanharemos a trajetória da família Baldin.

²⁵ SILVEIRA JR., Carlos Antonio da. **Os rearranjos familiares em Botelhos (MG) no contexto do movimento migratório Brasil – Estados Unidos**. In: *Revista de Iniciação Científica da FFC*. 2007. p 193-205. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/164>. Acesso em: 25 jul. 2010, p 199.

Carlos e Joana, ambos descendentes de italianos, moravam no interior do Rio Grande do Sul. O casal teve uma filha que, quando criança, apresentou problemas de saúde. Segundo os médicos, para diminuir os sintomas da menina, o ideal seria morar em um local em que o inverno fosse ameno. Assim, Carlos conseguiu um emprego na Bahia e os três se mudaram para a nova cidade; em seguida, Joana conseguiu um emprego.

Em uma das visitas que fazia aos familiares em sua terra natal, Joana foi ao médico, que a questionou sobre a possibilidade de a família migrar para a Itália, pois muitos descendentes estavam partindo para a Europa. Nessa conversa, o médico lhe mostrou um recorte de jornal que divulgava as facilidades em se conseguir a documentação e adquirir a dupla cidadania. Joana levou o jornal, mostrou ao companheiro e decidiram organizar os papéis para dar início ao processo, embora, naquele momento, não pensassem em migrar²⁶.

O processo de dupla cidadania teve início em 1990 e levou dois anos para ser conseguido. Contudo, em 1998, a situação dos Baldin se modificou. Carlos perdeu o emprego e Joana trabalhava no serviço público, mas sem ser concursada, fato que gerava alguma insegurança para a família. Por conta dessa nova conjuntura, a migração para a Itália passou a ser entendida como uma eventual solução para os problemas que estavam vivenciando.

Nessa época, Carlos encontrou um amigo no Rio Grande do Sul que estava procurando uma pessoa para trabalhar num projeto para o qual precisaria de um representante para visitar feiras na Europa, trabalhando com o objetivo de trazer novidades do setor para o Brasil. Carlos partiu, deixando a companheira e a filha na Bahia. O projeto não deu certo, mas Carlos conseguiu um emprego na Itália. Após dois meses organizando apartamento e as possibilidades do novo país, Joana e Laura partiram rumo à Itália.

Segundo o casal, não tiveram dificuldades de adaptação e a escola de Laura teria sido peça fundamental nesse processo de inserção no novo país. Segundo Joana, a diretora da escola chamou as mães da turma em que

²⁶ BALDIN, Joana e Carlos. Entrevista concedida a Emerson Cesar Campos. Garda. 9 de maio de 2012.

Laura estudaria e pediu para que elas incentivassem seus filhos a ajudarem Laura com o idioma e, de modo geral, com a adaptação. A partir desse encontro, muitas mães se tornaram amigas de Joana e muitas crianças passaram a frequentar a residência da família brasileira, fato que auxiliou no aprendizado do idioma, tanto para Laura quanto para Joana.

Como muitos brasileiros, a família tinha como objetivo o retorno, tanto que investiam no Brasil. Quando a filha terminou o que seriam os estudos regulares na Itália, a família decidiu que iria retornar para o Rio Grande do Sul, pois Carlos já havia retornado e estava organizando um sítio. No entanto, Laura decidiu prestar exame para admissão na universidade, tentando uma vaga para o curso de medicina, e foi aprovada, fato que transtornou todo o projeto migratório da família.

Carlos tentou conseguir a transferência da filha para uma universidade brasileira. As instituições públicas argumentaram que não podiam realizar a transferência; já, as privadas aceitariam a estudante, porém, nenhuma instituição ofereceu bolsas de estudo, o que inviabilizava a matrícula de Laura, pois a família não teria condições de pagar a mensalidade. Assim, o projeto migratório se transformou novamente. Para que a filha pudesse estudar, os pais decidiram desistir do sítio e do retorno ao Brasil e a permanecer na Itália.

Ao terminar o curso de medicina, Laura buscou uma especialização na área de cardiologia, o que novamente complicaria os planos de retorno. Laura não pensava em retornar ao País, pois não se sentia pertencente a um determinado local. Nasceria no Rio Grande do Sul; ainda criança fora para a Bahia e passara a juventude na Itália: para que lugar deveria ela voltar, ou onde ficar? Os pais pretendiam voltar ao convívio familiar no interior do Rio Grande do Sul, mas a filha não possuía os mesmos vínculos que os pais. Para ela, ficar na Itália, continuar estudando e se inserir no mercado de trabalho italiano seria o mais adequado, o que deixava Carlos e Joana indecisos quanto ao projeto migratório. Os dois sentem falta dos familiares, mas, ao mesmo tempo, não querem voltar para o Brasil sem a filha. Eles acreditam que as oportunidades no Brasil para Laura serão limitadas e que ela teria um futuro melhor na Europa. Em contrapartida, o casal acredita que o Brasil seja o melhor lugar para eles.

Ao relatar esta experiência, buscamos enfatizar os diferentes aspectos das migrações internacionais. Sem dúvida, as questões econômicas são um grande motivador das migrações; contudo, não são os únicos fatores. Cada pessoa possui seus sonhos, expectativas, frustrações, anseios, que, compartilhados com o grupo familiar, se tornam ainda maiores e também razão de novas experiências. Mesmo tendo atingindo os objetivos de sua

migração, Joana e Carlos foram surpreendidos por uma situação inesperada: a decisão da filha. O casal já estava financeiramente satisfeito com a migração, pois havia comprado um sítio e retornaria para a cidade de origem junto com os familiares e amigos. A decisão da filha, no entanto, modificou todo o projeto.

As crianças que, assim como Laura, nascem e crescem imersas em diferentes contextos migratórios interferem ativamente na construção ou modificação destes projetos. Mesmo os que ainda não conseguem entender o que é migração acabam atuando nesse processo, pois os pais buscam que o

projeto migratório seja bem-sucedido para todos, mesmo que isso implique deixar o filho no Brasil. Podemos perceber a importância das crianças inseridas nos fluxos migratórios pelas falas de Chiara.

Chiara Casagrande foi para a Itália com apenas seis anos, acompanhando seus pais no início dos anos de 1990. A criciumense relatou que o pai é descendente de italianos e que ouvia muitas histórias de oportunidades de emprego na Itália, o que o teria motivado a fazer o processo para adquirir a dupla cidadania. “Aonde ele tinha documento era mais fácil pra ele ir era Itália; Estados Unidos ia ser mais difícil, então ele decidiu... Tinha pessoas que ele conhecia, indicaram ele; lá, daí, tinha serviço tudo”²⁷. O pai de Chiara migrou em 1992 e ela e sua mãe em 1994, para a cidade de Peschiera del Garda, num período em que ainda eram poucos os brasileiros que viviam lá²⁸.

Chiara realizou seus estudos na Itália e foi lá que ela conheceu um criciumense descendente e se casou. Os pais decidiram voltar para Criciúma, mas ela e o marido continuaram na Europa, juntamente com os sogros de Chiara. Ao chegarem a Criciúma, os pais começaram a insistir para que ela voltasse para o Brasil, pois percebiam um crescimento na cidade e possibilidades de trabalho melhores do que na Itália em que a crise já preocupava. Chiara e o companheiro tiveram uma filha, fato que tornou as coisas ainda mais difíceis para a criciumense, pois na Itália as creches são muito caras. Preferiu então deixar o trabalho e ficar em casa com a filha, já que trabalhar e pagar a creche não compensava. Nessa ambiência, agravada pela insistência dos pais dela, o casal decidiu vir para Criciúma.

²⁷ Entrevista de Chiara Casagrande, concedida a Michele Gonçalves Cardoso, em 20 de agosto de 2012.

²⁸ Idem.

No entanto, a realidade encontrada pelos jovens foi diferente da que imaginavam. Chiara viera muitas vezes ao Brasil para visitar os familiares, porém eram visitas rápidas. Ela não tinha uma noção exata do que seria morar aqui. Ao retornar, no início de 2012, percebeu muitas dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. O companheiro não havia terminado o ensino médio na Itália, fato que, segundo ela, prejudica muito na hora de conseguir um emprego, a tal ponto que ambos estão pensando em voltar a estudar. Chiara pensa em fazer um curso superior, pois ela percebe que houve realmente um crescimento na cidade e mais oportunidades de trabalho, mas para pessoas com maior grau de instrução.

Por questões familiares, os pais da cricumense decidiram voltar para a Itália, fato que dificultou ainda mais a adaptação de Chiara ao Brasil²⁹. Ela trabalha como babá e conseguiu uma creche para a filha, o que ela aponta como uma das poucas vantagens de Criciúma, pois, em questões de saúde, segurança e organização, enfatiza que na Itália era muito melhor; no entanto, a crise impede uma nova migração.

Chiara ainda não se adaptou à cidade e teme pela filha. Ela não consegue se sentir segura no apartamento nem pelas ruas, pois teme andar sozinha à noite, até mesmo de carro. Logo que os Casagrande chegaram ao Brasil, foram assaltados durante uma viagem ao Paraná, coisa que amedrontou ainda mais a família. Além disso, a maior preocupação de Chiara é com a filha, pois ela questiona muito a saúde pública no Brasil, tanto que relata que não engravidaria no país, já que não confia no atendimento. Quando a filha ficou seriamente doente na Itália, teve gratuitamente todos os procedimentos e ainda teve acompanhamento depois que a menina saiu do hospital. Aqui no Brasil, Chiara argumenta que quando leva a menina ao hospital fica receosa de a criança contrair outras doenças, pois a falta de organização e de higiene é gritante³⁰. Neste sentido, a cricumense pensa em retornar para a Itália, pois acredita que para a filha seria um local melhor para crescer.

As angústias de Chiara são muito comuns entre os retornados, os quais, durante o processo de adaptação à cidade de origem, tecem constantemente comparativos entre a cidade natal e o local de migração. Mesmo tendo a Itália apresentado nos últimos anos uma realidade difícil para os migrantes por conta da crise, o país ainda é visto como local de diferentes oportunidades, pois a estrutura europeia oferece serviços que no Brasil não são tão qualificados. Nesse sentido, seja Chiara pensando na

²⁹ Idem.

³⁰ Idem

saúde da filha ou Joana pensando nos estudos que Laura está concluindo, ambas passam por alterações em seus processos migratórios, tendo os filhos no centro desses processos.

Podemos inferir que as experiências migratórias possibilitam diferentes arranjos familiares, tanto com relação aos familiares que ficam no lugar de origem, quanto para os que partem, ou ainda para as famílias constituídas no contexto migratório. Cada mudança na organização familiar evidencia a complexidade do fenômeno migratório contemporâneo. Se, em outros períodos, as famílias migravam sempre juntas, hoje são inúmeras as possibilidades. As cartas, o telefone e, mais atualmente, a internet são instrumentos que dão uma nova dimensão às fronteiras, que auxiliam na diminuição das distâncias e da saudade. Mesmo que a presença seja virtual, a família ou o membro que está longe consegue de alguma forma se fazer presente, fato que modifica as relações familiares e as próprias possibilidades de migração na sociedade contemporânea.